



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

MARIA DO SOCORRO CAMPOS E SILVA

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE
UMA ESCOLA MUNICIPAL DE IPOJUCA**

JOÃO PESSOA PB

2013

MARIA DO SOCORRO CAMPOS E SILVA

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE
UMA ESCOLA MUNICIPAL DE IPOJUCA**

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Pedagogia - Modalidade a Distância – da Universidade Aberta do Brasil (UAB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do título de pedagoga.

Orientadora: Prof^a. |MS. Cristiane Sousa de Assis

JOÃO PESSOA PB

2013

MARIA DO SOCORRO CAMPOS E SILVA

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Pedagogia - Modalidade a Distância da Universidade Aberta do Brasil (UAB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do título de pedagoga.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. MS.Cristiane Sousa de Assis
Orientadora

Examinador interno

Examinador externo

Dedico esta monografia a Jesus, pois Ele é a razão de estar aqui hoje, fez-me acreditar novamente que eu era capaz. A Ele toda honra do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que Deus tão generosamente me deu, especialmente a minha mãe, pela sua diligência desde a minha infância nos estudos.

As minhas irmãs Maria José e Maria da Glória pela força dispensada com palavras de ânimo.

Ao meu esposo Edmilson a quem muito recorri no lidar com as tecnologias e pacientemente me ajudou.

Aos meus filhos, Wagner o qual foi também um aliado no manuseio das tecnologias, Cintia, Filipe e Milena, por sonharem junto comigo, do início até o final dessa jornada, presenteando-me com apoio, incentivo e paciência nas longas horas de estudos.

A todos os professores do curso de Pedagogia a distância, principalmente aqueles que se sobressaíram como verdadeiros educadores da EAD (Lebian Tamar, Iraquitam Caminha, Plínio Rógenes, Marilene Salgueiro, dentre outros).

Ao professor Jorge Hermida pela precisão, diligência e competência na condução da disciplina e também compreensão nas horas da dificuldade.

A minha orientadora Cristiane Sousa de Assis pela compreensão muitas vezes nas dificuldades apresentadas, contribuição nas orientações, correções e incentivo deste trabalho.

A minha amiga Marilene Ramos que muito nos ajudou disponibilizando livros para pesquisa.

Por fim as minhas companheiras de curso, que não poderia esquecer: Maria da Glória e Sulamita Costa, por tantos momentos que passamos juntas de alegria, apreensão, esforço, angustia, alívio, regozijo, etc. Mas, chegamos até aqui e podemos dizer que somos mais que vencedoras, graças a Deus.

A arte desempenha um papel vital na educação da criança. (Lowenfeld e Britain, 1997)

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem por objetivo refletir sobre o ensino das artes visuais na educação infantil, a partir de algumas bases teóricas, a exemplo do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI, 1998) e Ferraz e Fusari (2009), dentre outros. A pesquisa foi realizada com professoras da Educação Infantil em uma unidade de ensino pública, localizada no município de Ipojuca/PE. Para tanto, foi empregada uma abordagem metodológica qualitativa, descritiva e exploratória, buscando desta maneira uma interlocução entre autores da área e educadores da infantil. A análise de dados revelou que a concepção de ensino das artes construída pelos educadores pesquisados continua pertinente nas práticas tradicionais. Verificou-se um consenso de que as artes visuais desenvolvem na criança a capacidade de representar, interpretar, imaginar, compreender o que a cerca e também a si mesmo como indivíduo no mundo.

Palavras-chave: artes visuais. Desenvolvimento. Educação Infantil.

ABSTRACT

This monographic work aims to reflect, according to some theorists, on the teaching of the Visual Arts in early childhood education, this made a field research with application of questionnaire on teaching unit in the municipality of Ipojuca-PE, seeking in this way a dialogue between authors and educators, since it is used this mechanism in the development of a child in early childhood education. The data analysis revealed that teaching of arts design built by educators searched relevant traditional practices continue. It should be noted that the Visual Arts develop in children the ability to represent, interpret, imagine, understand what the fence and also yourself as a person in the world.

Keywords: Visual Arts. Early childhood. Education and development.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. O HISTÓRICO DO ENSINO DAS ARTES.....	15
2.1 A HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL	19
2.2 ARTES VISUAIS E O REFERENCIAL CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	23
3. O PAPEL DA ARTE NA EDUCAÇÃO.....	25
3.1 O OBJETIVO DA ARTE NA EDUCAÇÃO.....	25
3.2 ARTES VISUAIS.....	28
3.3 ARTE NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL....	29
4. INTENÇÕES E OLHARES: O CAMINHO DA PESQUISA	32
4.1 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO DE CAMPO	33
5. ANÁLISES DO ESTUDO.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE	49

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, percebe-se uma intensa preocupação com a questão de princípios orientadores e eixos curriculares com relação à Educação Infantil. O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI, 1998), por exemplo, trata a Arte como uma das formas de linguagem e de contato com objetos de conhecimento, indispensáveis para o desenvolvimento das capacidades de expressão e comunicação das crianças.

Ainda segundo o RCNEI (1998) é função da educação infantil “tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, elementos da cultura que enriquece o seu desenvolvimento e inserção social” (BRASIL, 1998, vol 1, p. 23). De tal afirmação, nota-se a ligação ampla e profunda entre a socialização de inúmeros conhecimentos elaborados pelas diversas culturas e a apropriação destes conhecimentos por meio das Artes.

O capítulo relativo ao ensino de artes utiliza o termo Artes Visuais para denominar pintura, desenho, colagens, modelagem e construção tridimensional. No que se refere à terminologia utilizada, há uma utilização excessiva de termos como o verbo construir e hipóteses, por exemplo, “na garatuja, a criança tem como hipótese que o desenho é simplesmente uma ação sobre uma superfície” (BRASIL, 1998, vol 3, p. 92).

No entanto esta ação produz um sentimento de satisfação na criança quando a mesma contempla o que foi produzido, paulatinamente ela vai reconhecendo e organizando os traços e com o tempo o que parecia informe, começa a surgir formas numa ordem mais definida, portanto a Arte visual é muito significativa no processo de construção da linguagem escrita.

Tomando como referência os estudos desenvolvidos por Dewey (1980), enquanto experiência, a Arte faz parte das relações que o homem estabelece com seu entorno, isto é, a Arte ganha um caráter prático e articula-se com a vida e a cultura. A experiência é a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam.

Iavelberg (2003) confirma que

A Arte promove o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudo, entretanto, não é isso que justifica a sua inserção no currículo escolar, mas seu

valor intrínseco como construção humana, como patrimônio comum a ser apropriado por todos. (IAVELBERG, 2003, p.43)

As Artes Visuais na educação infantil é um mecanismo que ajuda no desenvolvimento da criança, possibilitando-a a descobrir novos caminhos que acabam ampliando seus conhecimentos e suas potencialidades.

Já Barbosa (1990), tratando da linguagem plástica da Arte, resgata a importância da presença de imagens nos processos de ensino. Ainda para Barbosa (1990) o principal objetivo da Arte na escola é formar o indivíduo conhecedor e decodificador de Arte. A leitura de obras pode ser um recurso do ensino da Arte voltado para qualquer manifestação artística.

Com relação à valorização da cognição em Artes, faz-se necessário ressaltar que a emoção para se tornar sensível deve passar por um fazer que seja inteligível, onde o artista se vê diante do desafio de encontrar o vocabulário para sua emoção e o faz influenciado pela história da área, por sua história pessoal e pela cultura em que atua como criador de representações. Nesse sentido, desde a primeira infância a criança utiliza o desenho para a representação da realidade. O que significa dizer que a leitura de obras pode ser um recurso do ensino da Arte voltado para qualquer manifestação artística.

A exemplo de Barbosa (1990), outros autores como Ferraz e Fusari (2009), Iavelberg (2003), Schlichta (1998), dentre outros, têm ressaltado os significados do contato com obras de Arte em todas as linguagens. A Arte permeia nossas vidas, nos encoraja a dialogar com o mundo, nos permite refletir sobre nós mesmos, ensina a criança a valorizar o trabalho do outro respeitando assim a diversidade cultural. Assim, desenhar, pintar ou construir constitui um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo todo. (LOWENFELD, 1977).

Mediante tais indicações, entende-se, portanto, que a Arte na educação tem por objetivo formar o ser criativo e reflexivo que possa relacionar-se como pessoa, justificando, pois o interesse e a escolha do tema para o desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão do Curso. Tendo em vista, ser a Arte considerada uma das melhores formas para a criança se expressar, surge, pois, o interesse em pesquisar a sua importância dentro da sala aula, sobretudo como o professor pode contribuir para esse processo.

Partindo do pressuposto que é na educação infantil onde a maioria dos alunos começa a representar o que realmente desejam, surgiu o interesse em pesquisar como o professor da educação infantil pode e deve estimular seus alunos para que estes conquistem novo saberes e se apropriem de conhecimentos socialmente construídos pela humanidade. No entanto, percebe-se que a forma mais comum de inserção do ensino de Artes visuais nas escolas - em geral, ocorre apenas com atividades ilustrativas, ou ainda o uso de atividades artísticas em datas comemorativas, limitando a criança a uma percepção fragmentada da Arte, quando a mesma é muito mais abrangente e interliga vários elementos existentes dentro da própria realidade da criança.

A Arte está em toda parte e não pode ser restrita apenas à sala de aula, necessita que o ensino da mesma explore os ambientes externos do convívio da criança, possibilitando-a apreciar, pensar e produzir de uma forma diferenciada e contextualizada.

De acordo com Barbosa (2005, p. 99), é fundamental propiciar momentos em que a criança demonstre espontaneidade com o desenho e a pintura livre, no entanto não pode ser feito de forma aleatória. Faz-se necessário planejamento didático e articulação com o contexto ao qual o aluno está inserido, no intuito de favorecer a percepção, a sensibilidade e a criatividade.

Nessa perspectiva, apresentamos a seguinte questão: qual o impacto do ensino de Artes visuais para o desenvolvimento cognitivo das crianças, na educação infantil?

A preocupação com a situação do ensino de Artes nas escolas pública brasileira, especialmente no segmento da Educação Infantil, foi a motivação maior desta pesquisa. Ressalto ainda que foi o meu olhar de professora, através da análise de algumas atividades desenvolvidas por algumas colegas de trabalho que despertou o meu interesse em aprofundar o meu conhecimento nessa área.

Deste modo, o objetivo geral deste trabalho é: investigar como o ensino de Artes Visuais vem sendo aplicado pelos professores no espaço destinado a educação infantil. E, conseqüentemente, para atender a esse objetivo foram elaborados os seguintes específicos: discutir a contribuição do ensino de Artes Visuais na educação infantil; identificar como os professores da educação infantil compreendem a importância do ensino de Artes Visuais para o desenvolvimento

infantil; elucidar como os professores da educação infantil trabalham Artes Visuais na sala de aula a partir de seus planos de ensino.

A introdução de Artes no âmbito educacional, especificamente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, é de suma importância, tendo em vista que é justamente nessa fase em que se inicia a construção do saber, do fazer, do inventar, do apreciar, alicerce para a construção da vida.

Diante deste pressuposto a hipótese levantada é a de que o ensino de Artes Visuais possibilita ao aluno desenvolver a percepção, a sensibilidade e a criatividade, facilitando sua aprendizagem também em outras áreas do saber, ampliando os conhecimentos de diferentes modos de vidas, dentro e fora da realidade.

A pesquisa se deterá apenas nas seis turmas de Educação Infantil de uma escola no município de Ipojuca – PE, e que os sujeitos participantes serão os professores referente a esta modalidade de ensino. Participaram da mesma seis professoras da educação Infantil.

Para a realização deste estudo utilizaremos como procedimento metodológico de uma pesquisa de campo, pautada em uma abordagem qualitativa, cujos instrumentos utilizados serão observações de sala de aula e questionário misto, com questões abertas e fechadas.

Com relação ao tipo de abordagem, de acordo com Minayo (1995), os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Essa abordagem valoriza o contato direto, com o ambiente e situação a ser estudada.

No que diz respeito à estrutura, o trabalho estará dividido em cinco capítulos. Na qual detalharemos a seguir.

No primeiro capítulo, abordaremos a Arte e o seu contexto histórico de maneira geral até chegar ao Brasil, o como também o documento que oficializa o ensino da Arte visual na educação infantil (RCNEI, 1998).

No segundo capítulo, apresentaremos o papel da Arte na educação, na qual abordaremos o objetivo da Arte na educação e uma atenção mais acurada para melhor compreensão acerca das Artes visuais. Levando em consideração as elucidações contidas no Referencial Curricular na Educação Infantil, RCNEI(1998). Neste mesmo capítulo discutiremos sobre a Arte na formação dos professores da educação infantil e os seus procedimentos em sala de aula.

No terceiro capítulo, traremos o estudo de campo, com o título intenções e olhares: o caminho da pesquisa. Na qual relataremos todos os passos metodológicos utilizados nesta monografia.

No quarto capítulo, refletiremos sobre os dados colhidos na referente pesquisa como também algumas reflexões.

No quinto capítulo, finalizaremos com as devidas considerações finais da referente monografia.

2. O HISTÓRICO DO ENSINO DAS ARTES

De acordo com Ferreira (2006), o homem, essencialmente, é um ser social. Ou seja, ao observarmos a história da humanidade podemos entender que o homem desde o início de sua existência na terra, vem recriando e modificando seu habitat. Nessa busca, ele se utiliza do próprio meio em que vive como forma de poder facilitar e até mesmo criar sua subsistência.

Através da transformação do meio natural, constantemente criando e aperfeiçoando instrumentos, ele não apenas buscou meios para se servir utilitariamente, mas, dentro de um movimento histórico observado por nós, notamos a evolução que o homem teve e, também, sua ação diante da vida no tocante a sua necessidade de expressar seus sentimentos e ações de acordo com o momento histórico vivido. Nesse sentido, a produção material do homem determina a forma de expressão daquilo que hoje se reconhece como objeto artístico (FERREIRA, 2006).

Segundo D' Aquino (1980, p. 5), “a Arte na pré-história foi feita antes da escrita”. Ao analisarmos a Arte da pré-história, entendemos então que de início, o homem ao fazer as gravuras nas paredes das cavernas, retratando suas atividades cotidianas, ele não tinha ainda uma concepção formada sobre Arte, ou seja, a ação de desenhar era apenas para mostrar os objetos, pessoas e animais que estavam a sua volta, esse período foi denominado de naturalismo.

Esse fato é tão importante e nos faz pensar acerca da diferença do homem em relação aos demais animais, uma vez que este, desde os primeiros tempos deixou registros demonstrando sua preocupação com a própria existência e, desse modo, podemos observar que sua evolução possibilitou transformações dentro do processo histórico e também o desenvolvimento de técnicas para facilitar sua vida (FERREIRA, 2006).

Não podemos nos esquecer de ainda que, por meio dessas representações simbólicas, o homem inseriu-se num processo evolutivo das expressões artísticas, de maneira que ele passou a criar coisas novas a partir das já existentes, tanto de vivências culturais quanto sociais. Acerca disso Proença (2000, p. 07) afirma que:

(...) o homem cria objetos não apenas para se servir utilitariamente deles, mas também para expressar seus sentimentos diante da vida e, mais ainda, para expressar sua visão do momento histórico em que vive. Essas criações constituem as obras de arte e também contam - talvez de forma muito mais fiel – a história dos homens ao longo dos séculos.

Portanto, podemos observar que o desenvolvimento cultural do homem não foi feito de um salto, mas sim de um lento processo cultural durante a história. Percebemos que o homem também atribuiu uma valorização acerca de sua própria razão, ou seja, ele se colocou como centro do universo e teve presente o ideal de beleza como destaque na Arte. (FERREIRA, 2006).

A Arte egípcia teve seu início por volta de 2.500 a.C. durante três milênios. Segundo D'Aquino (1980, p. 6),

A arte egípcia tem um objetivo imediato, pragmático e realista, também extremamente materialista. Tratava-se de um sistema de crenças particularmente voltado para a vida após a morte, mas o defunto devia gozar de todos os seus prazeres mundanos. (D'AQUINO, p. 6, 1980)

Nos séculos VI a.C. e IV a.C., mais precisamente na Grécia antiga, onde a Arte não servia apenas para retratar a realidade existente, mas, propagar uma imagem do homem especificamente como a perfeição da beleza. Conforme destaca Proença (2000, p. 28) referente a esse período que: "(...) o escultor grego acreditava que uma estatua que representasse um homem não deveria ser apenas semelhante a um homem, mas também um objeto belo em si mesmo".

Como foi mencionada inicialmente, a Arte não tem a ideia de ser algo estático, ao longo do tempo até nossos dias, sempre passou por constantes modificações, modificações essas também observadas na vida humana.

Já nos últimos séculos da antiguidade e em toda a idade média a Arte era voltada para o cristianismo, chamado de Arte cristã. As pinturas mostravam imagens de Cristo e dos Apóstolos, e era uma maneira tanto de propagar os ensinamentos de Jesus Cristo, quanto de manter a fé. Depois que foi proibida a venda de ícones pelo Imperador Leão III, o qual alegava o fundamento cristão em não adorar imagens, e com a destruição dos ícones pouco restou da arte bizantina.

De acordo com D'Aquino (1980, p. 14 apud SZPALER, 2009, p. 16):

São afrescos pintados principalmente nas catacumbas romanas onde os crentes se refugiavam. Não foram feitos por artistas eruditos (profissionais), e sim por cristãos que desejavam homenagear seus mártires ou ilustrar, simbolicamente, Cristo e passagens do velho Testamento que preconizavam o Novo Testamento. (D'AQUINO, p. 14, 1980)

Este período apresenta uma Arte com traços fortemente ligados a igreja, tal era a influência que a mesma exercia na sociedade, tendo o controle absoluto na vida social, delineando seu modo de se conduzir e viver. A Arte bizantina era um estilo cultivado pelo cristianismo e nos dá uma dimensão do poder exercido pelo Imperador, o qual se dizia representante de Deus na terra e também quanto aos seus aspectos culturais e políticos da época. Hoje ainda vemos resquício dessa Arte em igrejas, marcando expressamente personagens e figuras que foram reverenciadas. Como nos diz Proença (2000, p.48 apud FERREIRA, 2006):

As personalidades oficiais e os personagens sagrados passaram também a ser retratados de forma a trocar entre si seus elementos caracterizadores. (...) Para que a arte atingisse melhor esse objetivo, uma série de convenções foi estabelecida, tal como na arte egípcia. Uma delas foi a frontalidade, pois a postura rígida da figura leva o observador a uma atitude de respeito e veneração pelo personagem representado (PROENÇA, 2000, p. 48).

Ao longo do tempo o homem foi adquirindo vários conhecimentos e formas de representar a Arte. O renascimento foi o novo impulso dado a Arte que teve seu início no século XV na Itália e proliferou por todas as partes da Europa, abrindo várias possibilidades de expressão, onde havia mais liberdade para o poder criativo. Esse período trouxe a identidade do homem reconhecida como ser de destaque na natureza e na história.

Com a reforma protestante no século XVI abalou o poderio da Igreja Católica sobre a Arte havendo grandes transformações culturais e artísticas. Nesse momento da história libertou-se a razão dos conceitos ligados à teologia, o homem começou a fazer distinção do corpo e da alma, reconhecendo que ele é real e que pode agir sobre o mundo e conquistá-lo, na verdade nesse período foram muitos avanços, não só na Arte, mas, em várias outras áreas de conhecimentos, que segundo Proença (2000,p.78),

Ocorreram nesse período muitos progressos e incontáveis realizações no campo das artes, da literatura e das ciências, que superaram a herança clássica. O ideal do humanismo foi sem dúvida o móvel desse progresso e tornou-se o próprio espírito do Renascimento. Num sentido amplo, esse ideal pode ser entendido como a valorização do homem e da natureza, em oposição ao divino e ao sobrenatural, conceitos que haviam impregnado a cultura da Idade Média (PROENÇA, 2000, p. 78).

No entanto essas mudanças não foram instantâneas, elas aconteceram paulatinamente e não obstante muitos obstáculos e proibições foram impostos na época, pois, essa tempestade de descobertas que estavam afluindo em diversas áreas do conhecimento, trouxe inquietação por parte do clero, porquanto, via a igreja perder sua força, ante uma febre revolucionária da descoberta, logo, a proibição tornou-se eminente em alguns desses campos como a medicina, pois consideravam os estudos anatômicos como violação do corpo, mas não se pôde conter a ousadia de homens como Leonardo da Vinci que expressou suas descobertas anatômicas numa pintura de tela. Acerca disso escreveu Mota (2002, p. 132):

A extraordinária versatilidade de Leonardo Da Vinci não foi um caso isolado. Movimento característico de uma era de inquietude, o Renascimento abriu espaço para a manifestação de indivíduos intelectualmente curiosos, interessados a um só tempo nas artes, nas ciências e na política, capazes de conduzir seu próprio destino. Esses indivíduos tornaram-se conhecidos como humanistas. (MOTA, p. 132, 2002)

Portanto, para Ferreira (2006), o Renascimento tornou-se um período de grande importância no sentido de desvelar o mundo e obter liberdade crítica em oposição à autoridade imposta pela igreja. Pois, não só Leonardo da Vinci, mas, muitos outros se destacaram nas suas pesquisas e descobertas usufruindo da Arte como caminho de comunicação e registro de descobertas, embora essa comunicação não fosse decifrada por todos, somente por aqueles que tivesse um patamar de entendimento nas relações em que eram constituídas a base dos fenômenos naturais, podia entender o que era expresso através das obras.

Dessa forma, para Proença (2000, p. 79): “(...) Num sentido amplo, esse ideal pode ser entendido como a valorização do homem e da natureza, em oposição ao divino e ao sobrenatural, conceitos que haviam impregnado a cultura da Idade Média”.

Observamos nesse período que, o interesse pelo conhecimento também tem um considerável aumento, uma vez que já mencionamos anteriormente com a descrição feita no período do Renascimento, onde o homem já opunha aos critérios da fé a capacidade de discernir, distinguir e comparar, sendo estas características próprias da razão.

Sendo assim, através do desenvolvimento da mentalidade crítica o homem substitui o dogmatismo pela possibilidade da dúvida, rejeitando assim os princípios da autoridade carregada de preconceitos, e intolerância, acerca do conhecimento. Esse processo visa o resgate da dimensão humana sobre todos os aspectos. Sendo na Idade Moderna o aspecto fundamental, o resgate do conhecimento, em que se busca compreender o sujeito do conhecimento.

Entende-se que nesse período, o homem ao buscar a autonomia da razão o faz de modo que abandona as explicações religiosas como acontecia anteriormente. Ou seja, trata-se da crença numa razão que, sendo bem dirigida, possuiria um pensamento autônomo, ficando livre dessa forma dos dogmas visando assim a um saber para transformar a vida. Tal pensamento influenciaria no processo de colonização de novos continentes e atinge o Brasil.

2.1 A HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL

De acordo com os estudos de Ferreira (2006), o Brasil colônia tinha como função fornecer as riquezas naturais no sentido de ampliação comercial da burguesia europeia. Por isso, a educação formal não se fez necessária de imediato, uma vez que a necessidade de momento era de mão-de-obra para a extração dos produtos.

Conforme seus estudos, a educação brasileira deu início com a vinda dos jesuítas para o Brasil, nessa época ela não tinha muito significado, os índios tinham uma educação diferenciada dos filhos dos colonos e a intenção não era propriamente educar, mas sim catequizar na função de dominar, a fim de que fossem colonizados. Nesse modelo de educação havia uma descaracterização da cultura indígena para implantação do cristianismo e só as crianças aprendiam a ler e escrever para serem catequizadas e eram escolhidos os filhos dos caciques, assim, evitavam possíveis ataques dos índios nas colônias, enquanto os adultos aprendiam a mexer com ferramentas agrárias.

Por outra parte a educação com metodologia baseada no Ratio Studiorum era privilégios de poucos como os filhos dos colonos visando o desenvolvimento do raciocínio, a qual não trouxe muitas contribuições tendo em vista a realidade da colônia.

Os jesuítas, já tinham recebido formação pedagógica antes de chegarem aqui, por volta de 1549, acompanhando o primeiro governador geral, Tomé de Souza. Desse modo, tanto os índios quanto os colonos, como eram chamadas as pessoas muito rudes e aventureiras que para cá vieram sem suas famílias, foram recebendo uma educação religiosa direcionada pelos jesuítas que estavam sob as ordens de Manuel da Nóbrega. O trabalho “civilizatório” realizado pelos jesuítas se deu com o auxílio de ensinamentos de Artes e ofícios, desenvolvido através da retórica, literatura, escultura, pintura, música e artes manuais (FERREIRA, 2006).

A partir daí, em 1808 com a chegada da família real, houve um desenvolvimento das atividades culturais, até então inexistentes ou proibidas, como no caso de publicações da imprensa (FERREIRA, 2006).

A nova ordem econômica e social também pedia reformas culturais. Assim, vem ao Brasil a convite do rei a Missão Artística Francesa, com a incumbência de reformular os padrões vigentes:

Com a vinda da Missão Artística Francesa, em 1816, foi criada a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios no Rio de Janeiro (Decreto Real de 12 de agosto desse ano), transformada, dez anos depois, em Imperial Academia e Escola de Belas-Artes. Este ato permitiu a instalação oficial do ensino artístico no Brasil, mas que acompanhava as orientações de instituições similares europeias. (FERRAZ e FUSARI, p. 42, 2009).

A respeito disso Schlichta (1998, p. 21 apud FERREIRA, 2006) também comenta,

Os primeiros documentos que nos permitem vislumbrar um quadro desta história se reportam a presença da Corte portuguesa no Rio de Janeiro em 1808. Até então, nossas atividades artísticas, limitavam-se aos centros coloniais de maior riqueza – Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro – onde as irmandades religiosas representavam o único mercado consumidor de arte. Nossos primeiros pintores, autodidatas, inspiravam-se em gravuras religiosas estrangeiras, as quais reproduziam composições barrocas, produzindo uma arte influenciada pelo Barroco europeu que vem contrastar fortemente com a arte acadêmica, fruto da Missão Francesa, chegada ao Brasil em 1816, (...) O que temos de registro em relação a produção artística até esse período, pertence predominantemente a área de literatura. (SCHLICHTA, p. 21, 1998).

Nessa escola o ponto forte do ensino era a cópia fiel e a utilização de modelos europeus. Em Minas Gerais o auge era o Barroco, mas o Neoclassicismo

trazido pelos franceses foi adotado pela elite e pelas classes dirigentes, fazendo com que a arte passasse a ser vista como “luxo” em que somente a elite privilegiada tinha acesso. A partir dessa época começam a surgir as tendências pedagógicas.

Nas primeiras décadas do século 20, o ensino de Arte, iniciou-se na pedagogia tradicional. Nesta concepção, o que vale sempre é o produto a ser alcançado, e é mais importante o resultado dos trabalhos do que o desenvolvimento dos alunos em Arte. Assim, nesta tendência o professor era o foco que passava seus conhecimentos aos alunos como verdades absolutas, além de ser autoritário. Já o aluno, devia aceitar e absorver, sem contestar, as informações do professor.

Os alunos deveriam copiar com perfeição e todos faziam os mesmos desenhos. O objetivo do professor era que todos tivessem boa coordenação motora, hábitos de limpeza, adquirissem técnicas que fossem úteis na preparação para a vida profissional. Não existia nenhuma preocupação com a criatividade.

Em 1922 ocorreu a Semana de Arte Moderna que foi considerada o marco para a valorização da Arte brasileira. Contrapondo-se as influências europeias e criticando desse modo a velha ordem social e política. A Semana de Arte Moderna de 22 foi marcante com uma visão de crescimento cultural dentro e fora das escolas. É importante lembrar que essa semana foi resultado de um movimento que já estava em andamento e que nesse período teve seu apogeu no que se refere às diversas modalidades artísticas.

Em 1932, na era Vargas, no Rio de Janeiro, foi criada a SEMA (Superintendência de Educação Musical e Artística) que passou a orientar o ensino de música no Brasil por meio do projeto de canto orfeônico, dirigido por Heitor Villa Lobos. Esse projeto trouxe para o Brasil uma nova orientação no ensino musical, em que se pretendia trabalhar a música de maneira consistente e sistemática em todo país. O Canto Orfeônico difundia ideias de coletividade e civismo e tinha como objetivo desenvolver a educação artística, e pretendia que a escola participasse de datas cívicas e comemorativas, mostrando o autoritarismo do assim chamado Governo Provisório da República. (FERNANDES, 2009).

Por volta de 1950 a 1960 surge de um novo movimento denominado “Escola Nova” ou também conhecido como Pedagogia Nova. Esse movimento teve suas origens na Europa e Estados Unidos no século XIX. Nessa nova tendência os exercícios de repetição e as cópias dão lugar à espontaneidade do aluno, à livre expressão e ao processo de criação.

Acreditava-se que os alunos aprenderiam sozinhos e não precisariam da interferência do professor, fazendo com que as aulas de Arte pouco acrescentassem na vida dos alunos em termos de aprendizagem. O que se observava era o fazer e não a sua capacidade de expressão ou o seu talento artístico.

Isso fez com que a Arte fosse reduzida a frases de comando como: “o que importa é fazer e não o produto final”, ou seja, deixar a criança fazer sem nenhuma intervenção. De acordo com Ferraz e Fusari (2009), a partir de 1960/1970 começa a surgir no Brasil a Pedagogia Tecnicista, presente até hoje, em que o elemento principal é o sistema técnico de organização da aula, onde o professor e o aluno ocupam uma posição secundária.

A pedagogia tecnicista visava que, ao saírem da escola, os alunos alcançassem os objetivos estabelecidos anteriormente pelo professor e que saíssem capacitados de acordo com os interesses da sociedade industrial. Muitos conteúdos que eram usados na escola tradicional e na escola nova, também eram aplicados na escola tecnicista.

Em 1971, pela lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina. (PCN – ARTE. Vol. 6, 2001, p. 28).

A introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um grande avanço, porém os professores que trabalhavam especificamente em música, dança, desenho, canto coral, trabalhos manuais e artes aplicadas viram esses saberes serem transformados apenas em atividades artísticas. Todavia, devido à falta de bases teóricas, diversos professores utilizavam livros didáticos que foram muito vendidos durante as décadas de 70/80. Além de passarem a ser polivalentes, e muitas vezes não estavam habilitados para desenvolver as várias linguagens que deveriam ser aplicadas às atividades artísticas, eles tinham uma capacitação reduzida, pelo fato das próprias faculdades oferecerem apenas cursos técnicos, sem fundamentação teórica. Sobre este aspecto Ferraz e Fusari (2009, p. 53) relata:

Um resultado da influência tecnicista na educação escolar foi à descrença gerada pelo professorado, incluindo os professores de Artes, em relação ao planejamento de ensino. Planejar as aulas, ao invés de transformar-se em algo desejado, necessário e até prazeroso, transformou-se em um pesadelo para os professores, pois tiveram que executar a modelagem dos objetivos educacionais, passando pra os conteúdos, as estratégias e à avaliação. (FERRAZ E FUSARI, p. 53, 2009).

O ensino da Arte só se torna obrigatório com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº9394/96), “o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

A partir daí evoluíram discussões que geraram concepções e novas metodologias para o ensino e a aprendizagem de Arte nas escolas, buscando uma pedagogia Sócia interacionista, que visava desvelar os conhecimentos prévios dos alunos para ampliá-los com mediação do professor. As ideias contidas nos PCN's, em especial o de Artes, propagaram-se no país e, mesmo quando rebatidas, houve apoio a novas discussões e pelo acréscimo dos conhecimentos artísticos e estéticos. (FERRAZ E FUSARI, 2009).

Para Martins, Picosque e Guerra (2009, p.12):

A arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.

E é por meio desse saber que podemos entender as relações do homem com o mundo, e a questão de como é que devemos, impreterivelmente, trabalhar para melhorar o ensino de Artes na Educação Infantil, tendo em vista que a mesma é tão pouco explorada em sala de aula.

2.2 ARTES VISUAIS E O REFERENCIAL CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RECNEI,1998), elenca a importância da presença das Artes Visuais na vida da criança, como papel fundamental na construção do indivíduo, auxiliando a refletir e desenvolver seus valores, sentimentos, princípios, emoções. Desde muito cedo, a criança se utiliza da Arte para enaltecer seu lado sonhador e imaginário, pois na maioria das vezes é através dos desenhos que ela expressa sentimentos dos mais variados sejam bons ou ruins.

Segundo o documento as Artes Visuais expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional,

além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes etc. O movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança são atributos da criação artística. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às Artes Visuais. (RCNEI, p. 85, 1998).

Nesse contexto, entendemos em suas atribuições ser as Artes visuais uma forma da criança se comunicar com o mundo expressando o entendimento que tem de tudo a sua volta, além de ser considerado como um suporte eficiente na facilitação da aprendizagem da criança em vários conteúdos. Desta forma, os educadores devem levar em conta o individualismo de cada educando, afinal a expressão gráfica varia conforme a idade, os estímulos, o meio e a vivência de cada um. Quanto a isso o RCNEI (1998), ressalta:

O trabalho com as Artes Visuais na educação infantil requer profunda atenção no que se refere ao respeito das peculiaridades e esquemas de conhecimento próprios à cada faixa etária e nível de desenvolvimento. Isso significa que o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança devem ser trabalhadas de forma integrada, visando a favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças. (RECNEI, p. 91, 1998).

Entende-se, portanto, que o mesmo instiga ao educador, perceber e oportunizar a criança a um contato com imagens e produções artística, entendendo que esse fazer artístico aliado a educação possibilita uma consciência estética capaz de captar mudanças e ate mesmo de impulsioná-las. Desta maneira:

As crianças têm suas próprias impressões, idéias e interpretações sobre a produção de arte e o fazer artístico. Tais construções são elaboradas a partir de suas experiências ao longo da vida, que envolvem a relação com a produção de arte, com o mundo dos objetos e com seu próprio fazer. As crianças exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências. A partir daí constroem significações sobre como se faz, o que é, para que serve e sobre outros conhecimentos a respeito da arte. (RECNEI, p.89,1998).

Portanto o documento amplia a visão do educador e esclarece ao mesmo como deverá utilizar as artes visuais em diversas etapas na vida da criança,

deixando sempre à vontade com o que a cerca, devendo também garantir a participação de todos os alunos e propiciando que cada um seja autor de suas próprias imagens, evidenciando autonomia no fazer.(RECNEI,1998)

3. O PAPEL DA ARTE NA EDUCAÇÃO

Quando se dirige o pensamento a Arte na educação é preciso considerá-la como um elemento importante para entender o processo de vivência de cada sujeito, ou seja, se o mesmo é educado através da Arte, consideravelmente haverá transformações visíveis a serem observadas como: sendo capaz de conquistar sua autonomia, torna-se crítico frente às questões sociais que o rodeia e é capaz de construir sua própria identidade, entende-se, portanto que em tais manifestações, a Arte configura-se nesse caso como agente transformador e socializador, pois na formação de indivíduo, a mesma não pode está desvinculada do meio a qual ele pertença.

Visualiza-se na contemporaneidade uma concepção de Arte na Educação, num patamar, tanto de resgate nas escolas como de atribuir a mesma um valor que seja motivado na reflexão e construções cognitivas; um conhecimento que pode ser aprendido e ensinado também na escola.

Segundo Pontes (2001, p, 32),

No Brasil, esta concepção foi sintetizada na Abordagem Triangular cuja proposta é de tratar Arte como conhecimento que pode ser abordado na conjunção das ações de leitura de imagens, contextualização e fazer artístico. (PONTES, p, 32, 2001)

Atualmente, há uma preocupação oficial com a instituição de princípios curriculares, sintetizadas em documentos como PCN e RCNEI que, ao tratar de Arte, tem tomado como referência de concepções contemporâneas sobre o assunto, a Abordagem Triangular¹ de Ensino da Arte. (PONTES, 2001).

¹ No Brasil, a chamada Metodologia ou Abordagem Triangular, foi sistematizada pela arte-educadora Ana Mae Barbosa na década de 1980. Em finais dos anos 1990, quando da redação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a área de Arte (Brasil, 1997), a Metodologia ou Abordagem Triangular se converteu em, nada mais, nada menos, do que o fundamento oficialmente proposto pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC para orientar o ensino artístico no Brasil.

3.1 O OBJETIVO DA ARTE NA EDUCAÇÃO

De acordo com os estudos de Ortolane (2010), a Arte tem uma função muito importante na vida das pessoas e na sociedade desde o princípio da civilização e se manifesta através da criatividade dos seres humanos para se interagirem e conhecerem o mundo em que vivem. Tanto os seres da natureza quanto os objetos culturais produzidos por mãos humanas despertam várias emoções em seus espectadores.

Desde que nascemos aprendemos a demonstrar nosso gosto por músicas, cores, formas, objetos, movimentos e, com o amadurecimento, lapidamos a nossa maneira de gostar, julgar, fazer e, mesmo inconscientemente, vamos nos auto educando, a partir do convívio com outras pessoas.

É por meio da música, poesia, fala, sons, cores e formas que podemos compreender determinados lugares, pois cada país tem sua própria cultura e nada melhor que a Arte para representá-la. E através do ensino da Arte que podemos formar cidadãos mais críticos e criativos que possam atuar para a melhoria da cultura do nosso país.

Para Ferraz e Fusari (2009, p.19), “é na escola que oferecemos a oportunidade para que as crianças possam vivenciar e entender o processo artístico e sua história em cursos especialmente destinados para esses estudos”. Segundo estes autores:

Ao conhecer a arte produzida em diversos locais, por diferentes pessoas, classes sociais e períodos históricos e as outras produções do campo artístico (artesanato, objetos, design, audiovisual etc.), o educando amplia a sua concepção da própria arte e aprende o sentido dela. (FERRAZ E FUSARI, p. 19, 2009).

Conforme as pesquisas desenvolvidas por Buoro (2000), na maioria das vezes as crianças possuem pouco ou nenhum contato com obras de Arte, museus e espetáculos, dependendo da escola para ampliar sua relação com a Arte. Entretanto, muitas vezes, o professor se vê limitado com relação à proposição de algumas atividades artísticas por considerar que tem pouco tempo e espaço reduzido na sala de aula para realizá-las. Todavia, é importante que ele planeje atividades que atendam aos interesses e às necessidades dos alunos, usando “materiais compatíveis com o espaço físico, e com o número de aulas que o

educador dispõe para a abordagem de cada conteúdo escolhido” (BUORO, 2000, p. 110).

De acordo com Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 14), “do mesmo modo que existe na escola um espaço destinado à alfabetização na linguagem das palavras e dos textos orais e escritos, é preciso haver cuidado com a alfabetização da arte”. Ou seja, o ensino da Arte é tão importante quanto qualquer outro componente curricular, o que significa dizer que não pode ser negada a aquisição desse saber ao aluno. Convém ressaltar que a proposta do ensino de Artes na Educação Infantil não é formar artistas envolvendo um “certo ou errado”, mas despertar as “habilidades de ver, observar, reconhecer, refletir, compreender, analisar, interpretar” Assim, pode-se auxiliar a criança a compreender o mundo e a construir conhecimento, ou seja, ampliar conhecimentos já adquiridos e propiciar que ela crie suas próprias produções, partindo de sua experiência pessoal, escolhendo tema, técnicas e materiais.

De acordo com Ferraz e Fusari (2009, p, 20),

As manifestações artísticas participam da ambiência e de nossa vida tanto de maneira direta como indiretamente. Elas são reveladas em nosso cotidiano como, por exemplo, uma canção, uma obra arquitetônica ou uma escultura localizada no espaço urbano, ou são vislumbradas indiretamente por intermédio do contexto estético. Elas são concretizadas pelos artistas que as produziram, mas só vão se completar com a participação das pessoas que se relacionam e estabelecem um diálogo com elas. (FERRAZ E FUSARI, 2009, p. 20).

A música, o desenho, a escultura, a pintura, o teatro são formas que o homem encontrou para se expressar no mundo e isso também faz parte da vida das crianças que recebem influência de pais, professores e do meio em que vivem. Se os adultos incentivarem essa produção oferecendo materiais, espaço e tempo, essa criança pode, cada vez mais, aumentar sua criatividade, sua criticidade e sua curiosidade.

Porém, se ela não receber nenhum incentivo dos adultos em suas obras, poderá ter, aos poucos, sua capacidade de criação e imaginação reduzidas e desejará reproduzir algo que pareça real. Como não tem maturidade e habilidade para isso, seu trabalho não ficará igual à realidade e, achando que não sabe fazer, aos poucos reduz a criatividade e expressividade, se fixando a modelos existentes e

estereotipados. Depende dos educadores fazer com que a criança não perca sua espontaneidade.

Para melhor compreensão das diferentes áreas, o ensino em Arte foi dividido em quatro linguagens básicas²: Música, Artes Visuais, Dança e Teatro. Contudo, é oportuno frisar que o foco desta pesquisa refere-se às Artes Visuais.

3.2 ARTES VISUAIS

As Artes Visuais assim como as outras linguagens artísticas, também contribuem para o desenvolvimento e a aprendizagem do indivíduo.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI, 1998), quando a criança rabisca e desenha no chão, na areia e nos muros, quando utiliza materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão) e pinta os objetos e até mesmo seu próprio corpo, utiliza-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis.

A linguagem visual também pode ser revelada à criança através de um sensível olhar pensante. O olhar já vem carregado de referências pessoais e culturais; contudo, é preciso instigar o aprendiz para um olhar cada vez mais curioso e mais sensível às sutilezas. (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, p. 136, 1998).

Esse olhar pode ser aguçado nas formas tradicionais da Arte Visual como pinturas, desenhos, esculturas, gravuras, mas também inclui outras formas de representações que são resultado dos avanços tecnológicos da modernidade como a fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance. Por usarmos muito a linguagem visual no mundo, há uma necessidade de educar a criança para que aprenda a perceber e distinguir os diversos aspectos que nos cercam fazendo com que tenha um pensamento crítico sobre o assunto em questão.

Porém, para que os objetivos em Artes Visuais sejam atingidos é preciso fazer com que o aluno amplie seu conhecimento de mundo a partir do manuseio de materiais diversos, explorando suas características como cores, formas, tamanhos e utilidade.

² Os dois primeiros constam no RCNEI (Referencial Curricular para a Educação Infantil e os outros dança e teatro consta nos PCN's, entretanto considera-se importante abordá-los observando os mesmos voltados para a Educação Infantil.

É preciso, também, fazer com que o aluno seja capaz de apreciar seu trabalho e os das demais crianças e as obras artísticas com as quais entra em contato, para ampliar seu repertório e sua cultura, desenvolvendo através de desenhos, pinturas, modelagem e outras técnicas, o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação.

3.3 ARTE NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Apesar de a Arte ser disciplina obrigatória, ainda não é bem compreendida e explorada por profissionais da educação que atuam na Educação Infantil e na Educação Básica. Hernández (1999) discute que ao expor os métodos de trabalho realizados no ensino de Artes, ainda hoje, pauta-se em abordagens que surgiram em outros contextos históricos, cujo principal objetivo era desenvolver habilidades manuais.

Para exercer qualquer profissão ou função é necessário que se tenha preparo para o cargo. Na docência não é diferente. Para que possam realizar um trabalho de qualidade com as crianças, os professores de educação infantil e dos anos iniciais precisam estar em constante reciclagem teórica e metodológica, numa busca pelo aprimoramento da prática pedagógica. (CHAGAS, 2009).

Apesar das tantas possibilidades que o ensino de Artes acarreta, é preciso que o docente encarregado de tal, tenha uma formação compatível com o trabalho que irá desenvolver. Ou seja, a formação do pedagogo é muito limitada no que tange às matérias específicas da Arte. Cabe a este profissional, por sua vez, o exercício de uma formação continuada. A esse respeito, Coutinho (2010, p.7) elucida:

É preciso cuidar da formação do sujeito/professor formador, e aprender a aprender ensinar [...] somente os cursos que basearam-se no fortalecimento dos bacharelados, aprofundando as linhas de pesquisa e propondo um deslocamento das disciplinas de licenciatura para os centros de educação, apresentam uma reforma da educação coerente. Entretanto, essa separação pode acentuar o distanciamento entre quem faz Arte e quem ensina Arte, devido a maioria dos cursos de Pedagogia não estarem preparados na formação atualizada de seus próprios educadores [...] O professor de Arte precisa interagir com os espaços culturais e se conectar às redes de informação, buscando o conhecimento onde ele se encontra (COUTINHO, p.7, 2010).

Outro problema que parece permear o âmbito artístico nas escolas são as barreiras que inibem a criatividade no sistema educacional brasileiro. Neste sentido, Alencar (1992, p. 55) enfatiza que o tradicionalismo e a reprodução de conhecimentos são os grandes vilões, uma vez que o que “(...) predomina [é] uma ênfase exagerada na reprodução do conhecimento e a criança aprende, desde muito cedo, que existe apenas uma resposta correta para qualquer questão ou problema [...] a sua curiosidade é muito pouco aproveitada”. A autora ainda discute que a sobrecarga de conteúdos e o pouco tempo que os alunos passam na escola prejudicam os períodos dedicados a outras matérias, a exemplo da arte.

A disciplina e cobrança exagerada em relação ao comportamento dos alunos também prejudicam o desenvolvimento de propostas e atividades que estimulam a criatividade e o senso crítico.

O receio de que a aula de Arte transforme-se numa ‘bagunça’, muitas vezes inibe a possibilidade de aulas e produções contextualizadas com conteúdos propostos. De acordo com Alencar (*ibid.*), alguns professores simplesmente não acreditam no potencial criador dos estudantes e acabam não valorizando propostas de trabalhos que ampliem conceitos.

É lamentável que a disciplina de Arte ainda sofra com o descaso de escolas, professores e, por extensão, alunos no Brasil (DUARTE JR., 2003). Desta forma, muitas práticas pedagógicas relativas ao ensino de Arte no Brasil precisam ser reformuladas e a ideologia presente em aulas de Arte, ser superada. Só assim, será possível vislumbrar um ensino de Arte significativo e empenhado em desenvolver habilidades, não só manuais, como também perceptivas e intelectuais nos alunos.

A escola tem a sua parcela de responsabilidade na formação humana, na construção sensível do olhar sobre o pensar e do olhar sobre o mundo. A escola não é somente espaço para se aprender a ler, escrever e fazer contas, mas deve ir além do que é imediatamente utilizável. Assim, é preciso que a escola se comprometa com a sensibilização das crianças, ou seja, que oportunize experiências novas de descobertas e que possibilite a expressividade do aluno, permitindo que ele conheça a si mesmo e olhe para aquilo que o cerca com curiosidade e sentimento. No entanto, isso só será possível no espaço escolar, se os seus educadores também passarem por esse processo, pois “o caminho da maturidade parece afastá-los do ser poético”. (CHAGAS, 2009).

Sendo assim, precisam ser sensibilizados para que possam resgatar em si, “o ser da poesia, o olhar sensível, a expressividade, o potencial criador.” (DIAS, 1999).

Ao desenvolver o gosto pela Arte, além de apurar a sua sensibilidade, o professor entrará em contato com diferentes obras e conhecerá o material utilizado para a criação das mesmas, o contexto histórico, político e social no qual foram produzidas e a vida dos artistas que as produziram. (CHAGAS, 2009).

Segundo os estudos de Varela (1986) e Barbosa (1984), é possível verificar que a formação dos professores para o ensino de Arte vem ocorrendo no Brasil de forma mais sistemática desde a metade do Século XX. Na realidade, essa prática foi instituída na década de 1950, pelas diferentes instituições que faziam parte do Movimento Escolinhas de Arte (MEA), através da realização de cursos de formação inicial e continuada, especialmente, para os professores que atuavam no 1º Grau.

No entanto, a maior expressão desse processo formativo aconteceu a partir da década de 1960, com a criação do “Curso Intensivo de Arte na Educação” (CIAE). Esse curso foi realizado sob a coordenação técnica e pedagógica da Professora Noêmia de Araújo Varela, que trouxe para a Escolinha de Arte do Brasil toda a sua experiência acumulada no decorrer de sua formação como Arte/Educadora. Sob uma orientação modernista, em 20 anos de sua existência (1961-1981), esse curso formou aproximadamente mil e duzentos (1.200) arte/educadores de diferentes regiões do Brasil. Com o decorrer dos anos, a ação formativa de preparação dos professores para o ensino de Arte vem se intensificando, em suas diferentes esferas.

Nesse sentido, é possível encontrar, em todo o território nacional, diferentes iniciativas relacionadas à necessidade de formação dos professores para o desenvolvimento do ensino aprendizagem da Arte. No entanto, o primeiro curso de formação continuada dentro de uma orientação Pós-Moderna da Arte/Educação ocorreu no Festival de Inverno de Campos de Jordão, em São Paulo, sob a Coordenação da Professora Anna Mae Tavares Bastos Barbosa, no início da década de 1980.

Realizado em parceria com diferentes instituições culturais, a partir da implementação de inúmeras atividades, esse evento contou com a participação de seis mil e quinhentos (6.500) professores de Arte de São Paulo. Foi à primeira tentativa de atualizar os Arte/educadores brasileiros sobre os novos princípios do ensino de Arte, dentro de uma perspectiva pós-moderna. Nesse período, o termo

“atualização” foi utilizado por Barbosa para designar o processo de formação continuada de professores.

Como podemos concluir, o trabalho voltado para a preparação de formação de professores ligados ao desenvolvimento da Arte não é coisa atual e nem tão pouco, os problemas destinados a falta de preparação de muitos educadores será resolvida de maneira imediata.

4. INTENÇÕES E OLHARES: O CAMINHO DA PESQUISA

A nossa inquietação diante da formulação de propostas pedagógicas de Artes Visuais na Educação Infantil, levou-nos a percorrer caminhos dialogando entre pontos de vista diferentes, a tecer relações, exercendo escolhas e a definir, ao menos por esse momento, algumas sínteses que constituem o nosso marco de interpretação para a inserção da Arte no âmbito educacional desde a mais tenra idade.

Embora seja nosso intento fazer com que outros educadores reflitam sobre suas práticas, compreendemos este nosso olhar como mais um entre outros sobre a relevância do ensino de Artes Visuais na Educação Infantil.

O levantamento sobre a construção histórica da área nos possibilitou entender a concepção que permeia a realidade da Arte, especialmente sobre as especificidades do contexto educativo da rede regular acerca do ensino de Artes na educação básica.

Contemporaneamente, é preciso considerar o contexto que envolve as produções artísticas e articular ações pedagógicas no sentido de tornar esse contexto significativo para os alunos, através da articulação entre a contextualização, a leitura e o fazer artístico. Isso significa dizer que a escola pode pensar situações de ensino e de aprendizagem da Arte tendo em vista o aluno, enquanto partícipe de práticas culturais e o professor, enquanto mediador entre o processo de criação do aluno e o repertório da Arte.

Partimos de questões surgidas no cotidiano de educadores, para entendermos o lugar da Arte na Educação Infantil; e isso nos levou a observar os ângulos diferentes acerca dessa área, que se articulam nas intenções dos educadores numa unidade de ensino, acordando assim uma necessidade de uma abordagem qualitativa, que segundo Silveira e Gerhardt (2009, p. 31), “a pesquisa

qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não pode ser quantificados centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” Assim, tornou-se viável realizar uma pesquisa participante a fim de promover um olhar mais amplo e ao mesmo tempo nos aproximar com maior intensidade do objeto de estudo e interpretá-los com mais propriedade.

4.1 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO DE CAMPO

Os aspectos metodológicos descrevem o campo de pesquisa e a caracterização dos sujeitos, bem como os procedimentos de coleta de dados. Trata-se, pois, de uma pesquisa de campo, desenvolvida sob as diretrizes metodológicas de uma pesquisa participante, exploratória e descritiva, pautada em uma abordagem qualitativa.

A escola escolhida para servir de objeto de estudo, pertence à rede pública, está localizada no município de Ipojuca - PE. A escola funciona nos três turnos e atende a 1055 (um mil e cinquenta e cinco) alunos, sendo 225 (duzentos e vinte e cinco) da Educação Infantil, 420 (quatrocentos e vinte) da Alfabetização, 335 (trezentos e trinta e cinco) do 4º e 5º anos fundamental I e 75 na EJA (Educação de Jovens e Adultos). A faixa etária dos alunos vai de 4 a 5 anos na educação infantil, 7 a 12 anos no ensino fundamental e de 16 a 70 anos na EJA. Todos os alunos residem na comunidade próxima à escola. Vale salientar, que a Educação Infantil da referida escola fica no prédio em anexo, do outro lado da rua e funciona em três horários (intermediário), entretanto a noite não funciona.

A pesquisa foi feita da maneira mais objetiva possível, em face do pouco tempo previsto para desenvolvimento do TCC. Desse modo, buscou-se desenvolver o levantamento bibliográfico em conformidade com os objetivos traçados, paralelamente com coleta de dados no campo pesquisado para, finalmente, realizar a análise dos dados encontrados.

Para a realização do levantamento das informações e coleta de dados foi utilizado o questionário misto, do tipo semiaberto, juntamente com as observações registradas no diário de campo ao longo do percurso. Foram elaboradas 11 (onze) questões, na tentativa de contemplar os objetivos estipulados para a conclusão do estudo. Nessa pesquisa foram selecionados 06(seis) educadores, todas do sexo feminino e que atuam com crianças na faixa etária entre 04 (quatro) e 05 (cinco)

anos de idade. Convém ressaltar que a faixa etária da equipe docente pesquisada varia entre 25 (vinte e cinco) e 45 (quarenta e cinco) anos de idade. Algumas professoras já tem uma formação apropriada para o trabalho desse público alvo, ou seja, nível superior, enquanto outras estão com formação em andamento, mas todas apresentaram anos de experiência na área educacional.

Para um maior envolvimento dos sujeitos na pesquisa de campo, reunimos com os mesmos, apresentando o termo de consentimento para participação do estudo, esclarecimentos do objetivo e a importância da colaboração de todos para a conclusão da pesquisa.

Após os esclarecimentos percebemos que aflorou interesse pela troca de informações, questionamentos, discursões acerca do que se tem vivenciado na realidade das salas de aula e posições críticas dos participantes, o que facilitou a realização da coleta de dados. Durante o questionário as educadoras envolvidas demonstraram segurança e presteza nas respostas, inserindo a realidade vivenciada.

No instrumento de coleta, elencamos algumas questões que consideramos relevantes para melhor entender o objeto de estudo em questão. Diante das respostas, com a permissão dos envolvidos buscamos fazer uma análise dos dados obtidos, visando sempre compreender o entendimento de cada uma das entrevistas em relação em todas as questões postas, que guardavam correspondência aos objetivos específicos alvos de nossa atenção na pesquisa.

5. ANÁLISES DO ESTUDO

Apresentamos os resultados, considerando as respostas a cada questão da pesquisa. Discutimos os resultados a partir de citações das professoras respondentes, o que nos permitiu compreender a temática em estudo.

Questionário destinado aos professores

Quanto à primeira questão ao perguntar sobre o gênero dos docentes, 100% dos entrevistados são do sexo feminino. Vale salientar que em todo município os educadores do sexo feminino são maioria.

2. Faixa etária dos educadores.

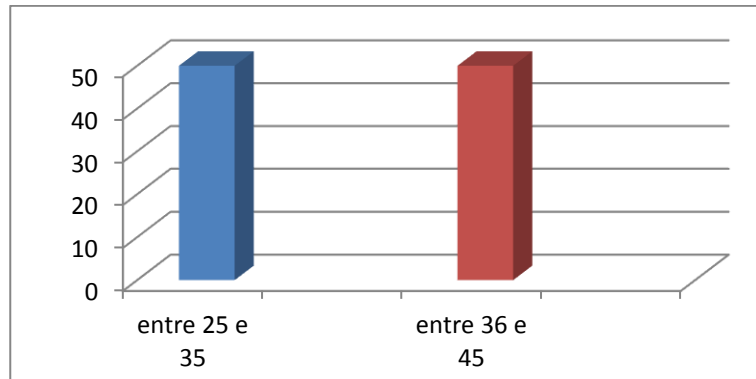


Figura 1 (5): Faixa Etária dos educadores

Na figura acima, podemos observar detalhadamente as informações referente a segunda questão, onde foi perguntado a idade das educadoras, ficou constatado que 50% das entrevistadas tem entre 25 (vinte e cinco) e 35 (trinta e cinco) anos de idade, e 50% tem entre 36 (trinta e seis) e 45 (quarenta e cinco) anos de idade.

3. Quanto tempo (anos) tem de experiência em sala de aula?

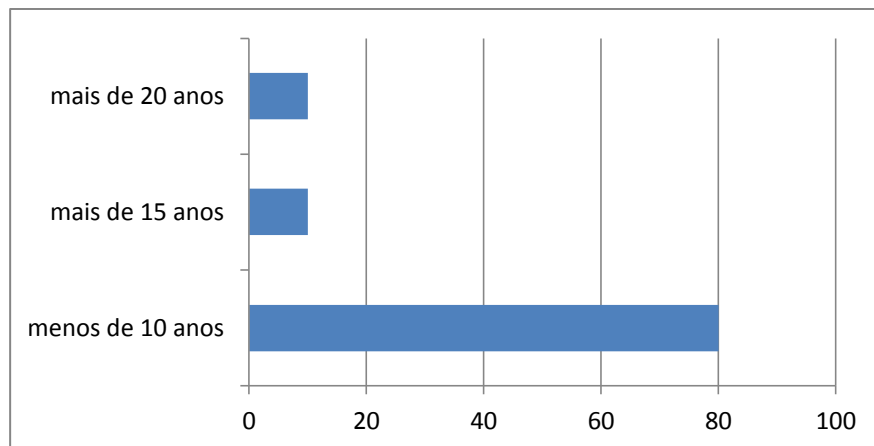


Figura 2 (5): Experiência em sala de aula

Em relação aos anos de experiência em sala de aula a professora A descreve ter 26 (vinte e seis) anos de experiência, a professora B e C 08 (oito) anos em sala de aula, a professora D e E 09 (nove) anos de experiência e a professora F com 20 (vinte) anos de experiência. Essas assertivas foram detalhadas na figura apresentada acima.

4. Qual o seu nível de escolaridade?

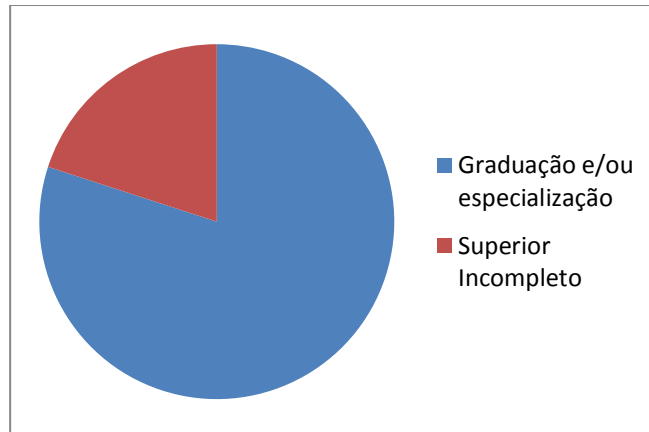


Figura 3 (5): Nível de escolaridade

Observando as respostas dadas pelas educadoras quanto ao seu nível de escolaridade. A professora A e F descreve que tem nível superior com formação em pedagogia e especialização em psicopedagogia, a professora B e C tem formação em Magistério e está cursando Pedagogia, a professora D e E tem curso superior em Pedagogia. Observamos que o nível de escolaridade dos entrevistados é de 80% possuem graduação e/ou especialização e 20% ainda estão em processo de conclusão como vimos na figura acima.

5. Com que frequência trabalha Artes Visuais em sala de aula?

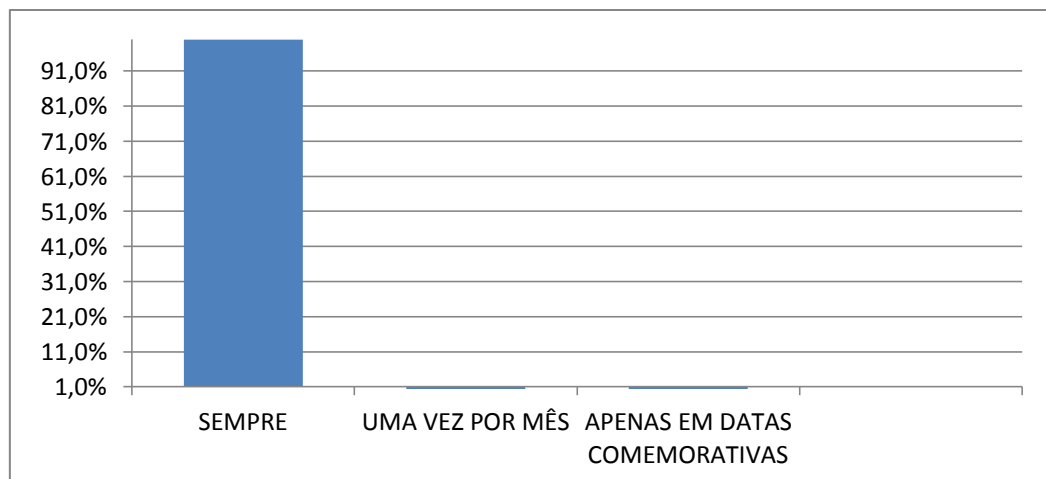


Figura 4 (5): Frequência no trabalho de Artes em sala de aula

Quando perguntadas acerca da frequência no trabalho de Artes, vemos através das respostas que todas as professoras, foram unânimes em responder que sempre trabalham artes em sala de aula, apesar de inúmeras dificuldades encontradas e relatadas por elas, mas veem na arte um fazer constante em suas práticas, como foi detalhado na figura acima.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN – ARTE (1997, p.61):

Criar e perceber formas visuais implica trabalhar frequentemente com as relações entre os elementos que as compõem, tais como ponto, linha, cor, luz, movimento e ritmo. As articulações desses elementos nas imagens dá origem à configuração de códigos que se transformam ao longo dos tempos. (PCN-ARTE, p.61, 1997)

6. Você reconhece que a disciplina Artes é importante ser trabalhada na Educação infantil?

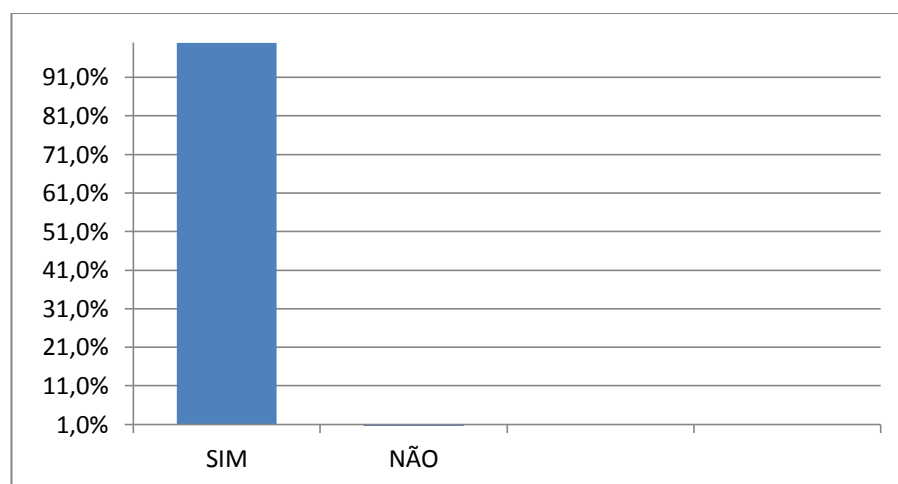


Figura 5 (5): Importância do ensino de Artes na educação infantil

Observando as respostas dadas pelas professoras, elas afirmaram categoricamente seu reconhecimento na importância da disciplina de Artes, tendo consciência da influência da mesma no desenvolvimento da criança. Para Ferraz e Fusari (2009, p.18), “o valor da arte está em seu meio pelo qual as pessoas expressam, representam e comunicam conhecimentos e experiências”.

7. Numa escala de zero a dez, quantos pontos você daria para essa disciplina? Justifique:

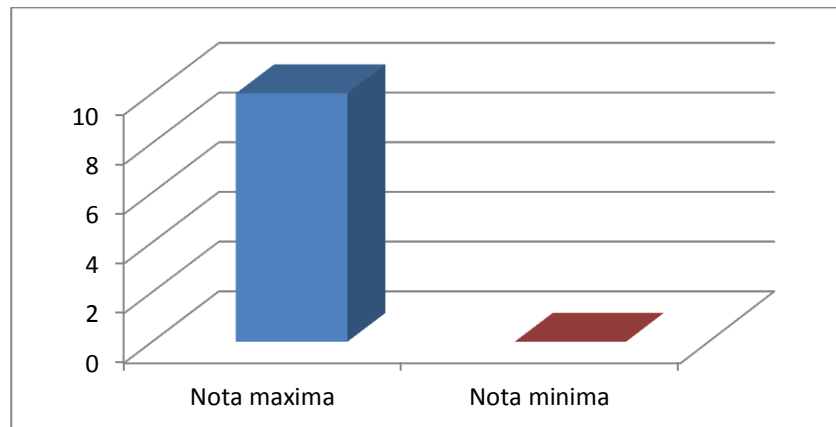


Figura 6 (5): Nota da disciplina de Artes

No gráfico acima podemos observar que todos educadores deram a nota máxima para a disciplina de Artes, na justificativa a professora A comenta que “a Arte Visual colabora para que a criança perceba o mundo”, a professora B comentou que “não basta só vivenciá-la em datas comemorativas, mas tem que incluí-la no nosso dia a dia”. A professora acrescentou que “a Arte não é só prazerosa para os alunos, que se sentem atraídos pelo novo o dinâmico, mas também para o professor”. As demais professoras disseram ser importante no desenvolvimento cognitivo e afetivo do aluno melhorando muito o seu desempenho.

8. O que você geralmente utiliza para trabalhar Artes Visuais?

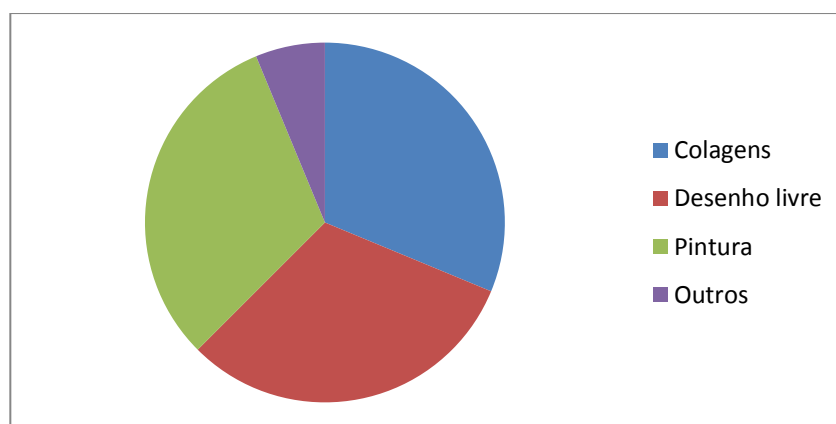


Figura 7 (5): Trabalho de Artes visuais

Ao mencionar os métodos utilizados no trabalho de Artes visuais como colagens, desenho livre, pintura e outros, a professora A respondeu que com recortes a criança cria a própria imagem, contornando-a e dessa própria imagem se recria uma outra, no desenho livre ela faz mapas de trajetos percorrido pelas crianças, ou mesmo recontando contos e histórias através do desenho, na pintura utiliza ainda as figuras xerocadas, ou desenhos feitos pela própria criança e em outros ela disse que faz dobraduras com jornais, revistas, papel A4, etc. A professora B fez uma descrição rápida nas suas justificativas, ela faz colagens com revistas e jornais, já o desenho livre é com desenhos da vivência deles e pintura com os desenhos que eles mesmos constroem. As demais apenas marcaram que fazem colagens, desenhos livres e pinturas, mas foram bem evasivas nas justificativas.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN – ARTE(1997), afirma que:

As artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance).(PCN – ARTE, p.61,1997).

Vemos portanto, que na atualidade há uma amplitude de meios para se trabalhar Artes Visuais.

9.5 quais as dificuldades encontradas para se trabalhar Artes em sala de aula?

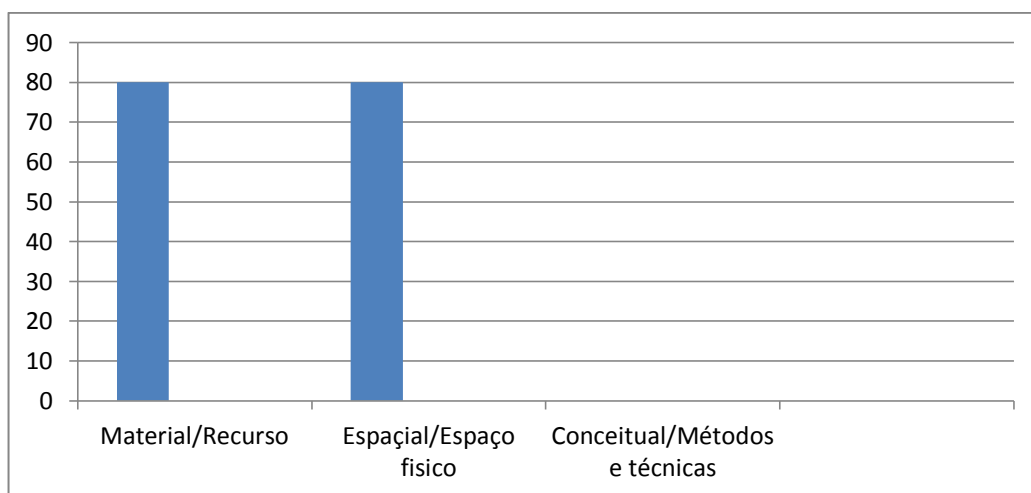


Figura 8 (5): Dificuldades para trabalhar Artes

No gráfico acima ficou bem visível que as maiores dificuldades encontradas pelas professoras foi a questão de recursos, nos quais foram levantados muitos questionamentos por não terem acesso a um material adequado para o trabalho de Artes em sala de aula, ficando limitados as condições básicas. O espaço também teve grande peso nas respostas, realmente testificamos as salas apertadas, com as crianças enfileiradas, um ambiente fechado, sem ventilação e pouca iluminação, inclusive uma das professoras falou que “gostaria de fazer mais, mas os recursos e o espaço limitam a todos nós professores e alunos”.

10. A sua formação inicial e continuada contribui para que você trabalhe Artes na sala de aula?

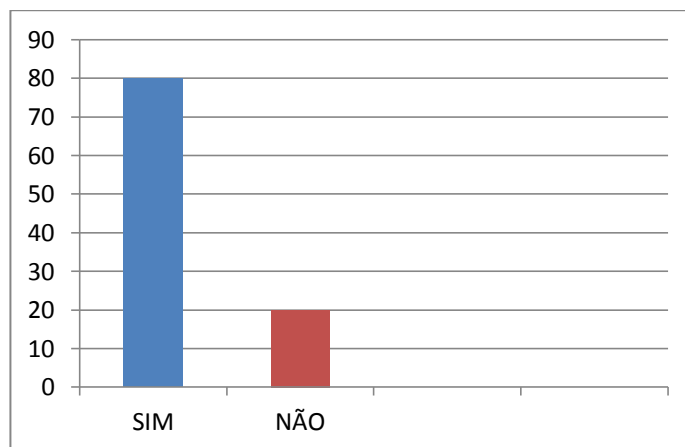


Figura 9 (5): Contribuição da formação inicial e continuada

Observando as respostas vemos a maioria concorda e acredita que a formação inicial e continuada tem uma grande contribuição para a sua prática no que diz respeito ao trabalho de Artes em sala de aula, já as professoras A e B discordam e dizem que a formação inicial e continuada não tem contribuído para sua prática no que diz respeito à Arte, a professora A disse receber uma formação focada apenas nas disciplinas de português e matemática deixando outras áreas descobertas como o ensino de Artes, nesse caso para ela o professor fica a deriva. A professora B também diz que Artes é uma área pouco trabalhada na formação inicial e continuada, como vimos na figura acima.

11. Com que frequência e como você planeja as aulas de Artes Visuais?

Em resposta a essa questão, a professora A respondeu que “faz o planejamento semanal e sempre busca adequar as aulas dentro da realidade da criança, utilizando os recursos existente na instituição e do professor”. A professora B explicou que planeja sempre nas sextas, pesquisando na internet e pede o material necessário aos alunos com antecedência, para que no dia da aula esteja tudo pronto para colocar em prática. As professoras C e D alegaram que a Arte faz parte do seu planejamento e planejam duas vezes por semana, sem maiores informações. Já as professoras E e F disseram que faz o planejamento de um dia para o outro, fazem pesquisas em livros, na internet ou mesmo trocam experiências com as outras colegas, organizam os materiais que vão utilizar e trabalham três vezes por semana.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN–ARTE (1997, p. 108), orientam que: “é importante que o espaço seja concebido e criado pelo professor a partir das condições existentes na escola, para favorecer a produção artística dos alunos”.

Ainda segundo, PCN – ARTE (1997) acerca do planejamento, ele diz que:

Um bom planejamento precisa garantir a cada modalidade artística no mínimo duas aulas semanais, em sequência, a cada ano, para que o aluno possa observar continuidade e estabelecer relação entre diversos conteúdos, tanto em relação aos conceitos da área quanto ao próprio percurso de criação pessoal. (PCN – ARTE, p. 108, 1997).

Portanto vemos que planejar as aulas de Artes é de suma importância para que se tenha um direcionamento do quer se quer alcançar e saber adequá-las tanto aos conteúdos necessários quanto a sua realidade, existe também a necessidade do professor está atento ao ambiente que ele dispõe bem como os materiais acessíveis existentes na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho demonstra a importância do ensino das Artes Visuais para o desenvolvimento da criança na educação infantil, promovendo um aprimoramento pessoal e profissional, tendo em vista o assunto ter surgido de uma simples curiosidade nas minhas observações ao longo do curso, emergiu o intento de pesquisar e aprofundar meus conhecimentos através de fundamentos teóricos mediante a realidade existente. Portanto, dada à relevância dessa experiência, constata-se que a mesma é decisiva na preparação e no fortalecimento de ações futuras.

Um trabalho de pesquisa é sempre instigante, pois propicia ao pesquisador uma ampliação de conhecimentos. Pode-se perceber, também, que a leitura, no processo acadêmico, é uma atividade fundamental e formadora, e a escrita é o registro das ideias que foram apreendidas. Este trabalho funcionou como uma oportunidade muito válida para se adentrar nesta complexa e desafiadora atividade que é a pesquisa. (CHAGAS, 2009)

Da prática pedagógica advém a percepção de que o uso das Artes Visuais seja de grande influencia para o desenvolvimento da criança quanto à aprendizagem, as atividades sem duvidas nenhuma, permitem a criança inúmeras oportunidades para a construção do saber através de sua ação e reflexão. O uso das Artes Visuais na educação infantil vem a ser mais uma alternativa a disposição do educador para atuar propositivamente na construção do saber do educando.

A partir dos resultados obtidos chegamos ao consenso que a proposta de incluir a Arte na educação infantil facilita bastante no desenvolvimento do seu eu, as Artes Visuais favorece a compreensão de diferentes formas de visão, no meio ao qual a criança está descobrindo, esta modalidade estimula o desenvolvimento mental, emocional e social da criança.

Para tanto os objetivos que delimitaram a pesquisa foram alcançados havendo um estímulo respostas acerca da importância da Arte e o que ela representa na vida do ser humano.

As Artes Visuais acabam sendo um tipo de treinamento para as crianças e se torna divertida, através desta metodologia ela começa a conhecer e compreender o seu contexto existencial. Assim, a escola e o professor devem garantir a participação de todos os alunos e estimulando os mesmos a serem autores de suas próprias

imagens, escolhendo as técnicas e temas que queiram utilizar, uma vez que a Arte, na educação, tem papel fundamental no desenvolvimento das crianças, pois envolve aspectos cognitivos, sensíveis e culturais.

É importante que o educador apresente obras de Arte de diferentes artistas e movimentos da história da Arte, mas sempre deixando a criança criar a sua própria obra. A Arte transforma e possibilita novos caminhos na vida da criança. Uma pintura exposta em um museu estimula a imaginação da criança quando explicada de maneira clara e objetiva pelo seu educador, quanto mais explícita for sua interpretação com relação às Artes Visuais, mais prazerosa será o processo de ensino e de aprendizagem e melhores serão os resultados. Neste sentido, valorizar as produções infantis é valorizar o ser humano em seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice. S. de. **Como desenvolver o potencial criador**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

BARBOSA, A. M. **Arte-Educação: conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limond, 1984.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo, Cultrix, 1990.

BARBOSA, Ana Mae. (org.) **Artes Visuais: da exposição à sala de aula**. São Paulo: EDUSP, 2005.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de educação fundamental. Vol.3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte**. Ministério da Educação. Brasília, 2001.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

COUTINHO, Rejane G. **A formação dos professores de Arte**. Disponível em: <<http://anaeorge.dominiotemporario.com/doc/inquietacoes.pdf>>. Acesso em: 10/09/2012.

CHAGAS, Cristiane Santana. **Arte e Educação: a contribuição da arte para educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental**. 2009. 57f. Trabalho de Conclusão de curso – (graduação em Pedagogia) Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Disponível em:

<<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/CRISTIANE%20SANTANA%20CHAGAS.pdf>> Acesso em: 25/04/2013

DIAS, Karina Sperle. **Formação estética:** em busca do olhar sensível. In: KRAMER, Sonia; GUIMARAES, Daniela; NUNES, Maria F. R.; LEITE, Maria I. (Orgs.). *Infância e Educação Infantil*. Campinas: Papirus.

DUARTE JR., João. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 2003.

D'AQUINO, Flavio. **Artes Plásticas I: Biblioteca Educação é Cultura**. Rio de Janeiro: Bloch: FENAME, 1980.

EDUCAÇÃO, **Arte**. Disponível em: <<http://www.arteeducacao.pro.br>>. Acesso em 10/09/2012.

D'AQUINO, Flavio. **Artes Plásticas I: Biblioteca Educação é Cultura**. Rio de Janeiro: Bloch: FENAME, 1980. In: SZPALER, Eliane de Jesus Honório. **As Artes Visuais e a educação**. 2009. 86f. Monografia (Especialista em Arte e Educação) – Instituto de Estudos avançados e Pós-graduação – ESAP – Faculdade do Iguaçu, Ivaiporã. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Arte/monografias/artes_visuais_ed.pdf> Acesso em 25/04/2013

DEWEY, John. **John Dewey**. Traduções de: Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme, Anísio Teixeira, Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, (Coleção Os Pensadores), 1980.

FERNANDES, Iveta Maria Borges Ávila. **Música na escola: desafios e perspectivas na formação contínua de educadores da rede pública**. São Paulo s/n. 2009. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-08122009-152940/pbr.php>> Acesso em: 18 out. 2012

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F de Resende. **Metodologia do ensino de arte**, 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FERREIRA, Luciane Montes. **O Ensino da arte na Rede Pública Estadual de Cascavel**. 2006. 42f. Monografia (Especialista em História da Educação Brasileira) - Curso de Especialização de História da Educação Brasileira do Centro de Educação Comunicação e Artes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. Disponível em:
<http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/monografias/turmas1_e_2/Monografia_Luciane.pdf> Acesso em 15/03/2013

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Método de Pesquisa**. 1. ed. Porto alegre. UFRGS, 2009.
Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>
Acesso em 01/07/2013

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**.
Tradução: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1999.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte; sala de aula e formação de professores**/Rosa Iavelberg. Porto Alegre; Artemed, 2003.

LOWENFELD, Viktor; MAILLET, Miguel (Trad.). **A criança e sua arte: um guia para os pais**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do Ensino da Arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FDT, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e Prática do Ensino de Arte**: a língua do mundo. São Paulo: FTD, 2009

MINAYO. C. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 4 ed.. Petrópolis: Vozes, 1995

MOTA, MIRIAM BECHO. **História das cavernas ao terceiro Milênio**. Miriam Becho Mota, Patricia Ramos Braick 2a ed./ Sao Paulo: Moderna, 2002.

_____. (Org.). **O ensino da arte e sua história**. São Paulo: MAC/USP. 1991.

ORTALANE, Camila de Almeida. **O Ensino da Arte na Educação Infantil**. 2010. 35f. monografia (Graduação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia da FACECAP/CNEC, Faculdade Cenecista de Capivari, Capivari. Disponível em: <http://libdig.cneccapivari.br/index.php?option=com_search&searchword=forma&searchphrase=exact&limitstart=40> Acesso em 11/02/2013

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2000.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2000. In: FERREIRA, Luciane Montes. **O Ensino da Arte na Rede Pública Estadual de Cascavel**. Cascavel. UNIOESTE, 2006. Especialização de História da Educação Brasileira. Monografia. Disponível em: <http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/monografias/turmas1_e_2/Monografia_Luciane.pdf> Acesso em 15/03/2013

PONTES, Gilvânia Maurício Dias. **A presença da arte na educação: olhares e intenções**. 2001. 188f. Dissertação (Mestre em Educação) – curso de Pós-graduação em Educação do Departamento de educação do Centro de Ciências sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gearte/dissertacoes/dissertacao_gilvania.pdf> Acesso em: 12/12/2012

SCHLICHTA, Consuelo A. B. D. **Arte e Educação: o trabalho criador do conhecimento artístico como fundador do ensino da arte**. Universidade Federal do PR, Curitiba, 1998.

SCHLICHTA, Consuelo A. B. D. **Arte e Educação: o trabalho criador do conhecimento artístico como fundador do ensino da arte**. Universidade Federal do PR, Curitiba, 1998. In: FERREIRA, Luciane Montes. **O Ensino da arte na Rede**

Pública Estadual de Cascavel. 2006. 42f. Monografia (Especialista em História da Educação Brasileira) - Curso de Especialização de História da Educação Brasileira do Centro de Educação Comunicação e Artes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. Disponível em:

<http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/monografias/turmas1_e_2/Monografia_Luciane.pdf> Acesso em 15/03/2013

SZPALER, Eliane de Jesus Honório. **As Artes Visuais e a educação.** 2009. 86f. Monografia (Especialista em Arte e Educação) – Instituto de Estudos avançados e Pós-graduação – ESAP – Faculdade do Iguaçu, Ivaiporã. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Arte/monografias/artes_visuais_ed.pdf> Acesso em 25/04/2013

VARELA, N. de A. A formação do Arte-Educador no Brasil. In: BARBOSA, A. M. (Org.). História da Arte-Educação. São Paulo: Max Limondad, 1986.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Nome (Opcional): _____

1. Sexo ☐ Feminino ☐ Masculino

2. Faixa etária ☐ menos de 25 anos ☐ entre 25 a 35 anos
 ☐ entre 36 a 45 anos ☐ acima de 45 anos

3. Quanto tempo (anos) tem de experiência em sala de aula? _____

4. Qual o seu nível de escolaridade? _____

5. Com que frequência trabalha Artes Aisuais em sala de aula?

Sempre ☐ Uma vez no mês ☐ Apenas em datas comemorativas ☐

6. Você reconhece que a disciplina Artes é importante ser trabalhada na Educação Infantil? Sim ☐ Não ☐

7. Numa escala de zero a dez quantos pontos você daria para essa disciplina? _____

Justifique:

8. Assinale o que você geralmente utiliza para trabalhar Artes Visuais?

☐ Colagens

Como? _____

☐ Desenho livre

Como? _____

☐ Pintura

Como? _____

() Outros

Como? _____

9. Quais as dificuldades encontradas para trabalhar Artes em sala de aula?

() Material/Recurso

() Espacial/Espaço físico

() Conceitual/Métodos e técnicas

10. A sua formação inicial e continuada contribui para que você trabalhe Artes na sala de aula?

() Sim () Não

Justifique:

11. Com que frequência e como você planeja as aulas de Artes Visuais?

Grata pela colaboração.